



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

Ditadura e futebol na Argentina:
Análise da Copa do Mundo de 1978 como arma do regime

Guilherme Moreno Fernandes de Macedo

Rio de Janeiro

2020



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

Ditadura e futebol na Argentina:

Análise da Copa do Mundo de 1978 como arma do regime

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social – Jornalismo.

Guilherme Moreno Fernandes de Macedo

Orientador(a): Prof(a). Dr(a). Marialva Carlos Barbosa

Rio de Janeiro

2020

FICHA CATALOGRÁFICA

MACEDO, Guilherme Moreno Fernandes

Ditadura e futebol na Argentina: Análise da Copa do Mundo de 1978 como arma do regime. Rio de Janeiro, 2020.

Monografia (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo), Escola de Comunicação – ECO –, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

Orientador(a): Marialva Carlos Barbosa

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **Ditadura e futebol na Argentina: Análise da Copa do Mundo de 1978 como arma do regime** elaborada por Guilherme Moreno Fernandes de Macedo.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientadora: Prof.^a. Dra. Marialva Carlos Barbosa

Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense - UFF

Departamento de Expressão e Linguagens – ECO - UFRJ

Prof.^a. Dra. Ana Paula Goulart Ribeiro

Doutora em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Departamento de Fundamentos da Comunicação – ECO – UFRJ

Prof. Dr. Rafael Fortes Soares

Doutor em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense - UFF

Departamento de Ciências Sociais/Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro –
UNIRIO

Rio de Janeiro

2020



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

Em 04 de dezembro de 2020 esteve reunida a Banca Examinadora composta pelos seguintes professores examinadores

Profa. Dra. Gabriel Ribeiro

Rafael Farias Soares

Mariana Castro Barbosa

e por

como professor orientador, além do(a) aluno(a) Guilherme Mateus Frazendo de Macedo (DRE nº 115219398) do curso de Comunicação Social, habilitação em JORNALISMO que apresentou o projeto experimental sobre o tema Visões e Futilidade na Argentina: Análise da Copa de Músculos de 1978 como obra de cinema.

Após a avaliação o trabalho a Banca atribuiu grau 9,5 ao Projeto Experimental do aluno. Nada mais havendo a observar fica lavrada a presente ata que vai datada e assinada pela Banca e pelos alunos.

Rio de Janeiro, 04 de dezembro de 2020

[Assinatura]
Professora Examinadora

[Assinatura]
Professor Examinador

[Assinatura]
Professor Examinador

[Assinatura]
Aluno



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
Departamento de Expressão e Linguagens

Rio de Janeiro, 23 de dezembro de 2020

DECLARAÇÃO

Declaro que participei da Banca Examinadora de Projeto Experimental do aluno Guilherme Moreno Fernandes de Macedo (DR 115214398) do Curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, sob o tema "Ditadura e Futebol na Argentina. Análise da copa do mundo de 1978 como arma do regime", tendo aprovado o referido trabalho com o grau 9,5 (nove e meio).

Assinatura manuscrita em tinta azul, legível como Ana Paula Goulart Riberio.

Professora Examinador
Ana Paula Goulart Riberio

Dedico este trabalho a todos que tiveram entes queridos torturados e/ou desaparecidos durante os regimes ditatoriais na América do Sul

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer aos meus pais, Denise Moreno Fernandes de Macedo e Roberto Fernandes de Macedo, por todo o esforço voltado para minha educação. Sem o sacrifício contínuo dos dois, eu não teria a condição de estudar na maior federal do Brasil.

Agradeço também ao meu irmão, Fernando Moreno Fernandes de Macedo, e à minha avó, Maurília de Azevedo Moreno, por todo apoio e suporte dado a mim na caminhada até aqui.

Não posso esquecer de agradecer aos times de futebol de campo e de futsal, que foram responsáveis por essa minha jornada dentro da UFRJ ser muito mais prazerosa. Vocês não sabem o quanto eu fui e sou feliz de ir treinar as duas modalidades, não importa onde seja, e jogar com vocês, seja nos finais de semana ou nas competições de viagens. Muitas histórias e muitas amizades que levarei além dos JUCS. Obrigado, de coração, pela paciência, conselhos e comemorações mútuas.

Meus mais sinceros agradecimentos também a todos os professores e funcionários da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Sem vocês, a porta do conhecimento não teria sido escancarada para eu estar, hoje, produzindo esta monografia.

Também gostaria de agradecer a todos os amigos do Bosque da Mirataia. Com vocês eu pude passar minha infância. Fazer parte do time, com toda certeza, foi importante no meu crescimento e amadurecimento. Além disso, todos os outros momentos que tivemos juntos estão guardados na minha memória. Os amigos fazem parte da família que escolhemos para a vida e vocês, com certeza, fazem parte da minha. Por isso, nada mais justo que estarem presente nesse momento tão especial na minha vida acadêmica. A todos, sem exceção, meu obrigado.

Aos amigos do FOX Sports, meu primeiro estágio e, conseqüentemente, primeiro emprego, gostaria de deixar meu muito obrigado pelas constantes trocas e aprendizados, seja dentro ou fora da redação, que foram de suma importância para meu aprendizado.

MACEDO, Guilherme Moreno Fernandes. **Ditadura e futebol na Argentina: Análise da Copa de 1978 como arma do regime** Orientador(a): Marialva Carlos Barbosa. Monografia (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2020.

RESUMO

Este trabalho, que faz a associação entre esporte e política, tem como objetivo entender como o governo argentino da ditadura civil-militar utilizou do futebol como instrumento nacionalista de autopromoção do governo. Para isso, analisaremos a realização da Copa do Mundo de 1978 na Argentina e como o título da seleção era importante para o projeto da ditadura. Em um primeiro momento, será feita uma contextualização histórica da entrada do regime militar na Argentina até a decisão de ser realizada a Copa do Mundo no país. A seguir, é analisado o evento mundial em 1978 e seu uso político pela ditadura. Por fim, é apresentado como ocorreu a construção de uma memória da ditadura, bem como da Copa do Mundo de 1978, e como ela é tratada até hoje pelos clubes de futebol argentinos e pela sociedade.

Palavras-chave: futebol; Argentina; ditadura; Copa do Mundo; comunicação; memória.

SUMÁRIO

1. Introdução

2. A chegada do regime militar na Argentina

2.1. Cordobazo e a volta de Perón

2.2. O pré-golpe e a chegada da Junta Militar

2.3. Regime fechado, Copa em aberto

3. A Copa de 1978 e o projeto político

3.1. O projeto anti-Argentina

3.2. Os palcos

3.3. Os heróis

4. O pós-título e memória

4.1. A construção memorável da Copa

4.2. Dia Nacional da Memória pela Verdade e Justiça e o exemplo do Banfield

5. Considerações finais

6. Referências Bibliográficas

1 – Introdução

Ao pensar no futebol, na minha cabeça vem palavras como paixão, loucura, fidelidade, amor, companheirismo. Apaixonado pelo esporte desde pequeno, sempre frequentei estádios para torcer pelo meu time. Dos torneios mais esperados e que mais trazem magia, a Copa do Mundo é o ápice de todos.

Organizado pela FIFA, o Mundial de seleções é o principal torneio do esporte mais popular do mundo. Ao pensar na competição, é de se imaginar o quanto movimenta os países e seus habitantes em prol de um objetivo em comum: a conquista da taça mais desejada do planeta.

A escolha pelo jornalismo veio justamente pela paixão pelo esporte. A ideia era ser jogador, mas, como não foi possível, não tinha outra carreira pensada a não a de jornalista esportivo.

Mas, ao longo do meu crescimento pessoal, acadêmico e profissional, passei a enxergar que o futebol, assim como minha paixão por ele, traz intrinsecamente a política ao seu lado.

A Copa do Mundo, estando inserida no meio do futebol, não é diferente. O evento traz consigo muito mais do que apenas o mero caráter esportivo. Ao longo da história, diversas questões políticas permearam a realização do torneio por quem almejava sediá-lo.

O objetivo desse trabalho é justamente apresentar a ideia de que futebol e política andam lado a lado. E a Copa do Mundo será o torneio analisado para mostrar a relação entre os dois. Mais especificamente, será visto evento de 1978, sediado na Argentina, e como o governo ditatorial da época utilizou o Mundial como arma de propaganda.

A ideia de ser a Argentina vem muito pela questão que o argentino tem e eu vejo de diferente do brasileiro: aqui, os times são paixão, lá, vai além, é também visto como religião. Além disso, a questão política envolvendo os argentinos com o futebol e a forma que eles reagem à ditadura até hoje me fizeram escolher pela Copa do Mundo de 1978. O primeiro fato é que a conquista argentina foi em casa. Poderia ter escolhido o Brasil de 1970, mas, pela Copa ter sido disputada no México e parte dos brasileiros não terem uma memória tão viva da ditadura como exemplo para não repetir o passado – basta ver o presidente eleito – me fez escolher a relação da Argentina com o esporte e a política.

Para atingir os objetivos do trabalho, a metodologia de pesquisa utilizada foi, majoritariamente, a revisão bibliográfica. A pesquisa foi feita em livros, trabalhos

monográficos, teses acadêmicas e matérias jornalísticas. Além disso, um documentário também fez parte do objeto de pesquisa.

Ao todo, o trabalho é dividido em cinco capítulos. Tirando a introdução e a conclusão, todos eles tiveram subcapítulos devido ao tamanho e aos assuntos abordados, que possuem ou não conexão direta entre si.

O primeiro capítulo apresenta as motivações que me levaram a este trabalho, as intenções do estudo, os métodos utilizados de pesquisa e, de forma breve, o que será abordado na sequência.

No segundo, em um primeiro momento, será analisado o contexto de convulsão política vivido pela Argentina antes do golpe militar, de 1976. Ainda neste capítulo, será vista a entrada do país no regime militar e como a realização da Copa do Mundo já era vista pelo governo como arma política. Além disso, também será contextualizado como outros eventos do passado já demonstravam a importância do esporte para um sucesso governamental.

Com a Copa do Mundo já definida para ser realizada na Argentina, o terceiro fragmento procura explicar a ebulição das denúncias, que serão expostas ao longo da seção, contra a realização do torneio no país sul-americano. Da mesma forma, será visto como a imprensa e o governo trataram de combater as acusações e alavancar a sua popularidade. Ainda, será vista como foi a realização, de fato, da competição no país. A análise vai desde a implementação da infraestrutura, seja na construção de novos estádios e aprimoramento de sedes, à campanha da seleção argentina no torneio e à construção da imagem dos heróis que conquistaram o título.

O quarto capítulo irá tratar da construção memorável da Copa do Mundo e como a sociedade trata ainda hoje o regime militar. Para isso, será analisado o filme ‘La Fiesta de Todos’, lançado um ano depois da conquista do Mundial, e como outros sucessos esportivos envolvendo equipes argentinas também tiveram importância para o governo e sua publicidade. Por fim, analisaremos brevemente que referência a memória traz para lembrar os mortos e desaparecidos. O capítulo é finalizado com o exemplo histórico do Club Atlético Banfield, um dos mais antigos e tradicionais clubes argentinos, que foi o primeiro a restituir ao quadro de sócios pessoas que desapareceram durante a ditadura.

É um pouco desse movimento mostrando as relações entre futebol e política num regime de exceção ditatorial que o trabalho destaca. Reflexões saídas do século XXI para a compressão de processos do passado colocam no palco reflexivo cenas de torturas,

violências reais e simbólicas, enfim, ações para se apropriar e usar o futebol como arma política.

2 - A chegada do Regime Militar na Argentina

Neste capítulo, contextualizamos, ainda que de forma breve, a partir de uma ordem cronológica, a chegada do Regime Militar que tocou interferiu diretamente na Copa do Mundo de 1978. Entretanto, mesmo se tratando de acontecimentos de caráter bastante complexo, extenso e cheio de minúcias históricas, faremos uma contextualização ampla, apenas para situar historicamente esse momento traumático da vida política da Argentina.

Para isso, descreveremos a convulsão política que interferia na esfera econômico-social do país nos anos anteriores ao golpe militar de 1976, desde o governo do general Juan Carlos Onganía, passando pela volta de Juan Domingo Perón em seu terceiro mandato após o exílio, sua morte, até a queda de sua esposa Isabelita e a entrada no governo de Jorge Rafael Videla e da chamada “Junta de Reorganização Nacional”, regime que colocou a Argentina como um dos maiores e mais repressivos modelos de ditadura do Cone Sul.

Em seguida, a partir do chamado Processo de Reorganização Nacional em 1976, contextualizaremos a importância do futebol como mecanismo político da ditadura militar até a definição do país como sede do Mundial de 1978. Ainda, será analisado no cenário sul-americano os eventos que foram utilizados também com contornos políticos para mostrar a Argentina como parte de um todo que regia estrategicamente e fazia uma coalizão, quase que orgânica, da América do Sul entre os anos 1970 e 1980.

2.1 – Cordobazo e a volta de Perón

Em 28 de julho de 1966, o presidente civil Arturo Umberto Illia foi deposto pelos comandantes-chefes das Forças Armadas, na chamada Revolução Argentina, que colocaram em seu lugar os generais Juan Carlos Onganía, Marcelo Levingston e Alejandro Lanusse, em diferentes momentos. A queda do Illia marcou o fim do curto período democrático argentino. Vale lembrar que o país sul-americano vivia um regime democrático desde a derrubada do então ditador Juan Domingo Perón, em 1955.

O processo é descrito pelo historiador argentino Luis Alberto Romero como o início do que estava por vir nos próximos anos: “o choque autoritário”.

A primeira fase do novo governo se caracterizou por um “choque autoritário”. [...] O parlamento foi dissolvido – o presidente concentrou em suas mãos os dois poderes – e também os partidos políticos, cujos

bens foram confiscados e vendidos, o que confirmou o fechamento irreversível da vida política. [...] Unificadas as decisões, teve início o processo de se restringir e amarrar a sociedade (ROMERO, 2006, p.161).

Durante o governo repressivo de Onganía, os grupos que mais sofreram com autoritarismo foram os que eram identificados como comunistas, entre os quais se incluíam as universidades, tratadas como “berço do comunismo”.

A ditadura encarregou-se de dissipar toda ilusão. Começou por tirar autonomia das universidades, reprimindo violentamente toda e qualquer oposição (em 7 de setembro de 1966 foi morto numa manifestação de rua em Córdoba o estudante Santiago Pampillón). A “depuração” da educação pública fez a Igreja penetrar em todos os setores do aparelho educacional. (COGGIOLA, 2001, p.18).

As perseguições a estudantes começaram de forma voraz, bem como a censura imposta pelos militares a diversos setores da sociedade. Dornelles relata que o movimento de censura atingiu costumes da época, como os cabelos longos dos homens e as saias curtas das mulheres (DORNELLES, 2012, p.77).

No que diz respeito aos aspectos econômicos, a Argentina vivia uma crise. O condutor da economia, Adalbert Krieger Vasena, membro de uma grande e poderosa família de industriais, “por meio da racionalização e da queda do salário real (menos de 10% em 3 anos) acentuou o desemprego e a superexploração da mão-de-obra”. (COGGIOLA, 2001, p.18).

Assim, o benefício a apenas uma pequena parte da população (a burguesia) começou a ter consequências irreparáveis ao governo do general Onganía. O líder do governo ditatorial passou a ser alvo de constantes questionamentos, principalmente de estudantes e operários.

A política econômica prejudicava sem compensação quase todas as classes sociais situadas abaixo da grande burguesia. Sob a calma aparente, o país virava um caldeirão. No interior, onde a crise social era mais grave, começaram as explosões em 1969, com mobilizações de estudantes de Corrientes, Rosário, Tucumã, resultando em vários estudantes mortos pela repressão. (COGGIOLA, 2011, p.27).

A evolução do pensamento crítico dos operários durante o governo ditatorial do general Onganía foi formando uma nova geração de operários que combatia a antiga e

burocrática direção dos sindicatos (COGGIOLA, 2001, p.27). O local de atuação de maior combatividade era a cidade de Córdoba, capital da província de mesmo nome, situada ao norte da capital Buenos Aires, que teria papel fundamental na derrubada do governo vigente. A cidade desempenhava importante função na economia nacional. Era lá que se organizava o principal polo do setor automobilístico argentino. No entanto, vivia uma crise profunda devido ao desastre econômico. Em 1960, Córdoba representava 60% da produção do setor automobilístico do país. Já em 1969, os valores eram de apenas 20% do que se produzia nacionalmente (COGGIOLA, 2001, p.28).

Em maio de 1969, especificamente no dia 29, a Confederação Geral dos Trabalhadores (CGT), sob a liderança do dirigente eletricitário Agustín Tosco, propôs uma greve geral dos trabalhadores a partir das 10 horas da manhã. O motivo seria a grande exploração dos trabalhadores e a redução dos salários. A massa da população tinha um inimigo comum: o regime autoritário e seu poder repressor. A concentração e marcha do operariado com os estudantes ficou conhecido como (Cordobazo) e foi duramente reprimida pelo regime militar, conforme explica Coggiola:

Em 29 de maio de 1969, os mecânicos (metalúrgicos das fábricas de automóveis) e eletricitistas, armados com projéteis fabricados por eles mesmos, “desceram” à cidade, onde os aguardavam os metalúrgicos e estudantes. A polícia atirou nas colunas, provocando várias mortes. Os operários jogaram tudo o que tinham nas mãos, fazendo a polícia bater em retirada. Toda a população (incluindo comerciantes e funcionários) se solidarizou com os operários e estudantes. [...] A esmagadora greve nacional de 30 de maio confirmou que toda a população tinha sido chamada para o combate político contra a ditadura. Abria-se uma situação revolucionária, que permaneceria latente durante os “anos de fogo”, de 1969 a 1976. (COGGIOLA, 2001, p.28).

Os movimentos de caráter popular se assemelharam com as conquistas e ideologias de Juan Domingo Perón – exilado até então na Espanha. O ex-presidente volta ao país e, em 1973, faz a intermediação com o presidente do regime militar, Alejandro Lanusse, para a abertura de novas eleições presidenciais na Argentina. Com isso, em 11 de março daquele ano, Héctor Campora, candidato peronista ao cargo, saiu vencedor.

A posse de Campora, no entanto, foi uma mera formalidade para a volta de Perón do exílio na Espanha. Em setembro de 1973, o atual presidente renuncia ao cargo e novas eleições são feitas. Com 62% dos votos, Juan Domingo inicia o seu terceiro mandato presidencial no país, junto com sua mulher, Maria Estela Martínez de Perón, na vice-

presidência. No entanto, com a sua morte, em primeiro de julho do ano seguinte, Isabelita, como era conhecida sua esposa, assume o governo.

2.2 – O pré-golpe e a chegada da Junta Militar

O terceiro governo de Peron foi chamado por Coggiola de “crise permanente”, abrindo portas para movimentos de extrema direita e o golpe militar que colocou o general Jorge Rafael Videla, chefe da “Junta de Reorganização Nacional”, no poder.

As políticas de Isabelita Perón aproximavam cada vez mais seu governo dos militares. Assim, as forças do exército começaram a ver cada vez mais de perto uma possibilidade de voltarem ao poder.

Com isso, “o trio da morte” (COGGIOLA, 2001, p.49) assume o governo em 1976. O trio era formado pelo já enunciado general Jorge Rafael Videla, junto ao almirante Emilio Massera e o brigadeiro Orlando Agosti.

Após a morte de Perón, o movimento de ultradireita tomou conta do governo ao mesmo tempo em que movimentos de ultraesquerda como os Motoneros¹ e o ERP (Exército Revolucionário do Povo), promoveram sequestros e ações violentas espetaculares para fazer o enfrentamento com o governo. Nesse contexto, de acordo com Coggiola, Isabelita deu ordem para que se aniquilasse a subversão, o que nos anos seguintes viria a legitimar o massacre popular promovido pelos militares. Em 1976, o governo de Isabel Perón foi consumido pelo próprio movimento peronista, sendo deposta pelos militares por meio do golpe de Estado de 24 de março de 1976. (COGGIOLA *apud* DORNELLES, 2012, p.78).

A crise e a desilusão com o terceiro e último governo peronista fez com quem ninguém saísse às ruas em defesa do atual modelo de gestão (COGGIOLA, 2001). Isso se refere ao movimento popular, visto que as guerrilhas urbanas já citadas acima, como os Motoneros e o Exército Revolucionário do Povo continuavam seus movimentos de resistência contra o regime ditatorial.

¹ Motoneros foram uma organização político-militar e de guerrilha de extrema esquerda na Argentina que visavam a implementação de um estado socialista no país.

Isso não pode ser de maneira nenhuma confundida com uma falta de resistência ao regime, que de fato ocorre na figura dos Motoneros e da ERP, mas deve-se entender que Coggiola deseja citar a falta de apoio do povo comum ao governo de Isabelita, o povo que elegeu seu marido e que não fazia parte de movimentos de guerrilha. (COGGIOLA apud DA CRUZ, 2015, p.13).

O golpe que colocou Videla na presidência da Argentina é chamado por Coggiola como “a etapa mais sombria da histórica da América do Sul”, pois colocou o país da bacia do Rio da Prata junto a Brasil, Uruguai, Chile, Equador, Peru, Bolívia e Paraguai como países governados por ditaduras militares.

Com a entrada do “Processo de Reorganização Nacional”, ou simplesmente Processo, como era conhecido, os militares começaram uma verdadeira carnificina. A ideia era eliminar os vestígios do peronismo e extinguir as guerrilhas urbanas que tinham por objetivo instaurar um regime socialista na Argentina.

Na Argentina, o “Processo de Reorganização Nacional” (ou, simplesmente, “Processo”), posto em marcha pelos militares em 1976, consistiu, em primeiro lugar, na eliminação de uma parte da população. As estimativas mais modestas situaram em dez mil o número de pessoas assassinadas. Mais de um milhão de argentinos optaram pelo exílio, fugindo das diversas repressões e da miséria. [...] O “Processo de Reorganização Nacional” autojustificou-se na eliminação da “corrupção” (peronista) e da “subversão” (resistência armada). (COGGIOLA, 2001, p.56).

Luis Alberto Romero enfatiza que a operação de repressão que resultou em milhares de mortos, desaparecidos e exilados foi encabeçada pelo esforço conjunto das Forças Armadas (Exército, Marinha e Aeronáutica). O autor ainda relata, de forma impactante e detalhada, como era a forma de tortura do governo para conseguir informações de seus prisioneiros políticos:

Tratou-se de uma ação terrorista, dividida em quatro momentos principais: sequestro, tortura, prisão e execução. [...] O primeiro destino do sequestro era a tortura, sistemática e prolongada. Os choques elétricos, o “submarino” – mantém a cabeça submersa em um recipiente com água – e as violações sexuais eram as formas mais comuns. A tortura física de duração indefinida se prolongava na psicológica. Muitos morriam durante a tortura, se entregavam. Os sobreviventes iniciavam um período de detenção mais ou menos prolongado. [...] Nessa fase final do calvário, de duração imprecisa, completava-se a degradação das vítimas, frequentemente muito feridas e sem cuidados médicos,

permanentemente encapuzadas ou em cubículos, sem instalações sanitárias. Muitas presas grávidas davam à luz nessas condições, para, em seguida, serem separadas de seus filhos, dos quais muitas vezes os sequestradores se apropriavam. Não é estranho que, nessa situação verdadeiramente extrema, alguns sequestrados tenham concordado em colaborar com seus algozes, realizando tarefas a seu serviço ou saindo com eles pelas ruas para apontar antigos companheiros, ainda livres. Mas, para a maioria, o destino final era a “viagem”, ou seja, a execução. (ROMERO, 2006, *apud* DORNELLES, 2012, p.79).

Um dos sequestros mais emblemáticos da época é o de Mariana Zaffaroni, retratada no documentário “Memórias de Chumbo: o futebol nos tempos do Condor”. Ao começar a ditadura no Uruguai, os pais de Mariana foram para a Argentina. A menina nasceu em 1975, um ano antes de ser implementado o regime comandado por Jorge Rafael Videla. Quando o governo repressor também se instaurou em 1976 no país portenho, seus pais foram sequestrados e Mariana foi adotada pela família de um dos militares.

Meus pais eram uruguaios e militavam nas associações de trabalhadores e estudantes, e quando começou a ditadura no Uruguai, vieram para a Argentina. Eu nasci aqui, em 1975. E, quando começou a ditadura, na Argentina, em 1976, eu tinha poucos meses. Sequestraram nós três e nos levaram a um centro de detenção, de onde fui levada pelo pai que me criou. Não se sabe o destino que eles tiveram. Suspeita-se que eles tenham sido levados para o Uruguai em um voo clandestino e que tenham sido assassinados lá, mas não há nenhuma prova disso².

A história de Mariana se torna ainda mais imprescindível para retratar os milhares de sequestros ocorridos no período do terror argentino, pois com seu sumiço, sua avó uruguaia, após o fim do regime na Argentina, passou a procurar por ela e uma foto de Mariana, ainda bebê, começou a circular de forma viral. O movimento incansável para encontrar sua neta reuniu milhares de outras avós no chamado “Abuelas de Plaza de Mayo”³. A mobilização se dava pelos familiares acampando na famosa praça de Buenos Aires em busca de respostas para as crianças desaparecidas em circunstâncias semelhantes.

O depoimento de Mariana no documentário demonstra o horror que o país sul-americano, assim como outros do Cone Sul, vivia durante o regime. A situação mostra a

² Disponível em: <https://bit.ly/YTGtVY>. Acesso em: 8 de dezembro de 2019

³ Associação Civil Avós da Praça de Maio (Abuelas de Plaza de Mayo) é uma organização de direitos humanos argentina criada com o objetivo de encontrar as crianças sequestradas durante o período da ditadura militar no país (1976-1983) e devolvê-las para as suas legítimas famílias.

crueledade da ditadura, que fez Mariana ser criada e ter vínculos familiares com os possíveis sequestradores e torturadores de seus pais. Além disso, atesta a cooperação existente entre os países da América do Sul e a interligação entre os governos para coibir quem fosse contra o regime, como explica Pantoja:

Vimos que no caso da menina Mariana Zaffaroli todas as relações são conflitivas, pois envolve espaços distintos, como ser uruguaia e/ou argentina, ter uma cultura, apesar de muito próxima, muito distante. Além disso, sua família está em dois lugares diferentes que representam formas distintas de encarar o horror das ditaduras, tanto no Uruguai, quanto na Argentina. O desaparecimento e morte dos pais de Mariana já envolve a correlação entre essas duas ditaduras, pois nos parece que o processo de sequestro e desaparecimento dos militantes estava articulado a uma inteligência colaborativa entre os dois países, e nessa época a Operação Condor estava em fase de implantação, mas o acordo de cooperação entre as ditaduras, já existia, antes mesmo do compromisso de coalizão (PANTOJA, 2018, p.95-96).

Ainda no âmbito das torturas promovidas pelo regime ditatorial na Argentina⁴, o intuito era construir um clima de pânico na sociedade. Assim, com o medo constante de ser pego pelo governo, a população se manteria paralisada e não buscaria uma revolução, nem uma mudança no *status-quo* (DORNELLES, 2012, p.80).

Em realidade, o que pode ser visto como irracionalidade do sistema (a brutalidade repressiva, a ameaça constante e a permanente sensação de incerteza e insegurança), foi, na sua essência, uma estrutura eficientemente concebida e dirigida para difundir um sentimento geral de acentuada vulnerabilidade por parte da sociedade; o objetivo foi claro: dissuadi-la e paralisá-la. Não só se procurou evitar a ameaça constituída pelas mobilizações populares anteriores ao golpe, como também se pretendeu obter a anulação conjuntural, de amplos setores diante da ameaça de caírem na “mão do sistema”. Foi nessa lógica que se impôs o projeto de reordenamento social e econômico dos setores dominantes, mediante uma intervenção militar (PADRÓS, 2004 apud DORNELLES, 2012, p.80).

2.3 – Regime fechado, Copa em aberto

⁴ A Operação Condor foi uma aliança político-militar entre os vários regimes ditatoriais da América do Sul com a CIA dos Estados Unidos, nos anos de 1970 e 1980, com o objetivo de reprimir os opositores das ditaduras.

“O futebol é um jogo que emociona multidões, ocupando em nossa cultura a função de esporte nacional que nos levou já muitas vezes à consagração” (WITTER, 2003, p. 163). Essa afirmação ajuda a entender a frase dita por Getúlio Vargas, em que o ex-presidente do Brasil – inserindo o esporte em um contexto político – relaciona a capacidade lúdica do futebol com a possibilidade de unir as massas por meio de grandes competições:

Compreendo que os desportos, sobretudo o futebol, exercem uma função social importante. A paixão desportiva tem o poder miraculoso para conciliar até o ânimo dos integralistas com o dos comunistas ou, pelo menos, para amortecer transitoriamente suas incompatibilidades ideológicas. [...] É preciso coordenar e disciplinar essas forças, que avigoram a unidade da consciência nacional (VARGAS apud SANTOS; DA SILVA, 2006, p.107).

Reconhecendo a popularidade, nesse caso não especificamente do futebol, os Estados-Nação, desde muito antes da criação da Copa do Mundo ou dos Jogos Olímpicos, já reconheciam a profundidade do esporte como um artefato massificador e de coalizão social. Como explica Vasconcellos:

Governantes de novos Estados da África e Ásia logo reconheceram a utilidade do esporte como meio ágil e efetivo para estabelecer a identidade nacional e os sentimentos de lealdade nacional. Enquanto alguns líderes de movimentos anticolonialistas objetavam a popularidade dos esportes originários dos antigos senhores imperiais, políticos atinados vislumbravam numa vitória contra o time de futebol de um país vizinho a senha e o sentido de orgulho nacional. Como resultado, esses novos governos prontamente instituíram Ministérios de Esporte, Conselhos de Esporte e políticas públicas de esporte. Nos anos cinquenta, o instrumento do boicote olímpico emergiu como arma potente contra a política segregacionista praticada na África do Sul, país banido futuramente dos organismos e competições esportivas internacionais (VASCONCELLOS, 2008, p.63).

A vontade de ter uma Copa do Mundo sediada na Argentina é muito anterior a chegada da ditadura militar em 1976. A seleção nacional não havia conquistado nenhum título do principal torneio internacional em sua história, enquanto o Brasil e o Uruguai, rivais históricos, haviam conquistado o campeonato em três e duas oportunidades,

respectivamente. Enquanto a Celeste⁵ havia levantado a taça nos anos de 1930, jogando em seu país, e em 1950, a seleção brasileira conquistou a Copa do Mundo em 1958, 1962 e 1970, sendo o último título obtido no período correspondente à ditadura militar em terras canarinhas.

Outro fato importante que permeava a vontade da Argentina em levar a Copa do Mundo para o seu país era a vontade de conquistar um título em casa. Vale lembrar que os Albicelestes⁶, antes do seu primeiro título mundial em 1978, já haviam chegado à final do Mundial em 1930, sendo derrotados por 4 a 2 elo Uruguai, anfitrião da competição.

De acordo com Gotta, a vontade de levar o campeonato de seleções da FIFA para a Argentina já se fazia presente desde as primeiras edições do certame, ainda durante a década de 1930. Segundo o autor, a participação da seleção Argentina na Copa do Mundo de 1934, realizada na Itália fascista de Mussolini, teria como motivação semioculta somar méritos com os mandatários da Federação Internacional de Futebol e levar a competição de 1938 para o país (GOTTA *apud* MARCZAL, 2016, p.84).

Ainda no cenário da América do Sul, Brasil, Chile e Uruguai já haviam demonstrando anteriormente o uso do futebol para benefício político.

Na América Latina encontramos diversos exemplos do uso político do futebol durante as ditaduras das décadas de 1960-1980, além da tradicional rivalidade regional entre clubes e seleções (MAGALHÃES, 2013, p. 22)

Anteriormente à Copa de 1970, o conflito envolvendo o então presidente Emílio Garrastazu Médici e o treinador João Saldanha, que culminou como sua demissão, foi o caso mais figurativo e que gera divergências na memória até hoje.

Entre tais conflitos, o principal que permanece na memória sobre o período se refere às desavenças futebolísticas com o presidente Emílio Garrastazu Médici. O momento marcante foi a questão do jogador Dario José dos Santos, então jogador do Atlético Mineiro, quem Saldanha não convocou e por quem o presidente havia declarado várias vezes sua preferência. Como veremos, a demissão de Saldanha foi um dos temas principais, e até hoje gera conflitos nessa memória (MAGALHÃES, 2012, p.3).

⁵ Apelido como é conhecida a seleção do Uruguai

⁶ Apelido como é conhecida a seleção da Argentina

No Chile, a seleção nacional jamais havia logrado um título da Copa do Mundo. Mesmo assim, o presidente Augusto Pinochet utilizou do desfile de seleções no Mundial da Alemanha Ocidental, em 1974, comum na abertura do evento, para difundir sua visão política da cultura chilena (LUCAI; JARA *apud* MAGALHÃES, 2013; p.22).

No lado uruguaio, já bicampeão mundial, mas sem conquistar um título expressivo desde a Copa América de 1967, o país organizou junto com a FIFA o torneio chamado de Copa de Ouro dos Campeões Mundiais, também chamada de Mundialito. O evento serviu muito mais que um simples título para a seleção já bicampeã mundial. A taça levantada pelo imortal goleiro Rodolfo Rodríguez se fez estampada como pano de fundo para um projeto político da ditadura no intuito de utilizá-lo como canal de propaganda.

Para questionar a visão mais comum do uso do futebol como elemento a favor das ditaduras, o caso do Uruguai é emblemático. Entre 1980 e 1981, o país organizou a competição Copa de Ouro dos Campeões Mundiais, conhecida como Mundialito, apenas dois anos após a organização da Copa de Futebol da FIFA em 1978 na Argentina. Organizado oficialmente pela FIFA como comemoração dos cinquenta anos da primeira Copa do Mundo, que teve lugar no próprio país, o evento reunir os principais campeões mundiais até então (com exceção da Inglaterra, que foi substituída pela Holanda), e teve uma importante repercussão internacional. Para o governo civil-militar uruguaio, foi uma oportunidade de utilizar um evento popular como canal de diálogo e propaganda oficial (MAGALHÃES, 2013, p.22).

Depois de sua chegada à primeira final, logo na primeira edição do evento em 1930, a Argentina não foi para mais nenhuma decisão. As Copas seguintes foram disputadas nos seguintes países: Itália, França, Brasil, Suíça, Suécia, Chile, Inglaterra, México e Alemanha Ocidental, para então chegar e ser realizada pela Argentina, em 1978.

E as tendências e influências políticas permeiam o cenário do principal torneio de futebol entre seleções do mundo desde suas primeiras edições. Situações emblemáticas, como na Copa disputada na Itália, em 1934, se relacionam intimamente com o que viria a acontecer na Argentina.

Durante essas várias edições, diversas foram as influências políticas vistas no Mundial. Como por exemplo a edição de 1934, onde os jogadores da campeã Itália haviam recebido uma carta do comandante fascista Benito Mussolini com os dizeres: “Vencer ou morrer”, horas antes do jogo decisivo. Outro exemplo foi a situação da seleção inglesa que, uma vez que se considerava superior aos outros países por se considerar a criadora do futebol, não participava dos mundiais tendo sua

primeira participação em 1950, no Brasil, e seu primeiro título em 1966, em casa (DA CRUZ, 2015, p. 20).

Como já afirmado anteriormente, a Copa do Mundo na Argentina era um projeto antigo. No entanto, por conta de fatores políticos, como a Segunda Guerra Mundial⁷, o torneio máximo de seleções só foi ser disputado no país portenho em 1978, com a ditadura. No caso da Argentina, a Copa não foi um pedido do regime militar argentino, mas uma obra que foi decidida anteriormente a ele⁸. “Fica claro então que o uso político do futebol não se inicia com a Junta Militar comandada por Videla, uma vez que na escolha do mundial o país vivia a ditadura de Onganía” (DA CRUZ, 2015, p.21). Entretanto, inevitavelmente, o governo utilizaria do esporte de massas para difundir seus conceitos.

A realização do torneio foi vista pelo Processo⁹ como uma oportunidade de difundir uma campanha positiva do país, combatendo sua imagem negativa no exterior. E também uma chance de renovar o apoio interno inicial à ruptura democrática e ao próprio governo, já que naquele momento se anunciava a “vitória” contra a “subversão interna”, uma das principais justificativas para o golpe (MAGALHÃES, 2013, p.24).

Dessa maneira, o mundo se virava, em 1978, para uma Argentina governada por um regime ditatorial e repressor ao mesmo tempo que queria abrir o país para os olhares estrangeiros voltados para o maior torneio de futebol envolvendo nações do mundo. No mínimo paradoxal. Por isso, é importante que se observasse a caminhada lado a lado entre o esporte mais popular do país e a política.

Um trauma esportivo seria, então, seria visto pelo regime como uma dura derrota para um país que não possuía nenhum título da Copa do Mundo, enquanto seus principais rivais da América do Sul já possuíam mais de uma conquista cada. Sabendo que a Copa ocorreria na Argentina, Jorge Rafael Videla faz questão de demonstrar à nação argentina que sabia bem que o esporte de maior popularidade nacional teria fundamental peso em seu governo e no sucesso do mesmo. “No dia seguinte ao golpe, a junta militar faz um segundo

⁷ Por conta da Segunda Grande Guerra, as Copas do Mundo dos anos de 1942 e 1946 não ocorreram. Depois de 1938, com sede na França, só voltou a ser disputada em 1950, no Brasil.

⁸ A Argentina foi declarada como sede da Copa do Mundo de 1978 ainda em 1966, durante o Mundial na Inglaterra

⁹ Nome simplificado dado ao Processo de Reorganização Nacional da ditadura na Argentina em 1976, como já assinalamos anteriormente

comunicado bastante determinante e ao mesmo tempo esdrúxulo” (PANTOJA, 2018, p.92).

Comunicado número um, proíbe-se as reuniões nas ruas;

Comunicado número dois, proíbe-se fazer greve;

Comunicado número três, proíbe-se legislar;

Proíbe-se, proíbe-se, proíbe-se...

E comunicado número vinte e três, dizia-se: autoriza-se.

E o que se autorizava? Autorizavam-se as transmissões da partida de futebol da seleção argentina, que naquele dia, jogava na Polônia, contra a Polônia. A partir daquele momento a ditadura ficou claro que a ditadura sabia do que se tratava o futebol.¹⁰

Portanto, a preocupação dos militares era clara: uma vez definida lá em 1966 que a Copa do Mundo seria realizada pelo país em 1978, nada podia dar errado na realização do Mundial, tanto fora, como dentro de campo.

O Mundial era um teste decisivo tanto no plano interno como externo, e podia transformar-se num desastre ou dar motivos aos chefes processistas para seguir adiante. O temor era justificado: os militares haviam optado por um caminho repressivo inédito em seu alcance e nas formas empregadas; embora houvessem feito um cálculo dos riscos que corriam, não podiam estar seguros de qual seria o resultado. (NOVARO & PALERMO, apud DA CRUZ, 2015, p.22)

Dessa forma, “a Argentina precisava, no período de dois anos, preparar o evento, além de melhorar a imagem do país e vencer as organizações contrárias a realização do mundial em solo ditatorial” (DA CRUZ, 2015, p.23).

Como afirma Dantas (2014), a Argentina entrou no ano de 1978 e na Copa do Mundo com uma questão um tanto quanto paradoxal em sua República: a repressão, o terror e a violência do regime militar que estavam escancaradas para a imprensa mundial que cobriria o evento ao mesmo tempo que vivia um clamor e uma euforia popular pela realização do primeiro Mundial em solo argentino.

¹⁰ Disponível em: <https://bit.ly/YTGtVY>. Acesso em: 8 de dezembro de 2019

3 - A Copa de 1978 e o projeto político

Anteriormente, foi estudado o momento vivido pela sociedade argentina até a instauração do regime militar no país em 1976. A partir disso, foi mostrado como o Processo de Reorganização Nacional enxergava o futebol como estratégia política e a importância de sediar a Copa do Mundo em seu território como benefício para a difusão do pretense sucesso do modelo ditatorial do país.

No capítulo atual, será analisada a “campanha anti-Argentina”¹¹ e as denúncias feitas contra o governo ditatorial argentino por conta da série de abusos praticados pelo regime antes, durante e depois da Copa do Mundo. Da mesma forma, será vista a maneira como os militares e a imprensa da época trataram de combater a campanha para que a competição fosse realizada em outra sede. Assim, o destaque será dado na produção nacionalista por parte do regime para alavancar sua popularidade.

Na sequência, será analisada a realização da Copa do Mundo de 1978 no território argentino. Para isso, o foco se dará aos locais em que a competição teve seu investimento por parte do regime militar, seja na construção de estádios e aprimoramento das sedes.

Uma Copa do Mundo é muito mais do que os jogos entre as seleções. Ela envolve toda uma infraestrutura, a participação da população de um país, os turistas (que são ao mesmo tempo os torcedores adversários), o esforço de governantes, instituições e de grande parte da sociedade do lugar que a recebe. Desta forma, a sede torna-se mais que um simples espaço de realização de um evento; ele é o verdadeiro palco do espetáculo do futebol mundial. (MAGALHÃES, 2013, p.85)

Além disso, o capítulo também pretende observar a trajetória da Argentina na competição, bem como os heróis da campanha no torneio, já que eles foram os reais responsáveis pela conquista do título e mobilizaram milhares de apaixonados a acompanharem o verdadeiro show, que é o futebol.

3.1 - O projeto anti-Argentina

¹¹ Nome dado pelos militares à série de denúncias contra os abusos cometidos pelo governo argentino

Assim como no Brasil, o futebol na Argentina é o esporte mais popular do país. Por isso, a força das massas era vista com grande apreço pelo regime militar pela capacidade de coalizão. “No caso argentino, o futebol era algo que tinha grande força no cenário político, devido a sua importância no âmbito popular”. (DA CRUZ, 2015, p. 20).

Necessitando de um aparato propagandístico para sustentar o regime ditatorial, os militares encontraram no futebol – esporte mais popular do país – uma forma de ocultar as atrocidades que cometia. (JÚNIOR, 2014, p.27)

Com um regime ditatorial e uma Copa do Mundo a ser sediada na Argentina, o país sul-americano era o centro das atenções do mundo. As práticas repressivas por parte dos agentes do governo, vistas também com Pinochet no Chile e na ditadura militar brasileira, eram constantemente denunciadas.

No entanto, as denúncias vindas da Europa não eram amplamente difundidas em todas as camadas sociais europeias. Apesar de o velho continente viver a democracia na maioria dos países e os europeus se colocarem contra os governos ditatoriais na América do Sul, apenas uma parte dos intelectuais que estava ligado à política internacional se inteirava amplamente sobre o tema.

Contudo, o caso argentino era menos conhecido e as características específicas do conflito político que levou ao Golpe de Estado –em particular o peronismo e as organizações revolucionárias, especialmente as de origem peronista- dificultavam os apoios espontâneos no quadro da política europeia. (FRANCO, 2005, p.3)

Ao contrário das denúncias contra outras formas de governo da América do Sul, na Argentina, as principais delações vinham da Europa. Isso porque o país era uma vitrine do mundo pela realização da Copa do Mundo.

O medo do governo era totalmente fundado, afinal, “o que poderia acontecer com as pessoas no momento em que algumas centenas de jogadores de futebol, uns poucos milhares de torcedores e, sobretudo, alguns milhares de jornalistas de toda a mídia mundial convertessem o país numa delicada vitrine? ” (NOVARO & PALERMO, *apud* DA CRUZ, 2015, p.24).

Como já explicado anteriormente, a convergência sinuosa entre futebol e política, cada vez maior com a proximidade da Copa do Mundo, trazia olhares à Argentina. Proporcionalmente, as denúncias se acentuavam com a chegada do campeonato.

À medida que a data do campeonato se aproximava, as críticas e denúncias das violações dos direitos humanos vindas do exterior foram aumentando, em parte em virtude da passagem do tempo, do amadurecimento da ação contestadora e das transformações na política exterior norte-americana, e em parte devido à própria proximidade do Mundial. (NOVARO & PALERMO, *apud* DA CRUZ, 2015, p.25)

O posicionamento político europeu vinha encabeçado pela França, maior difusora das denúncias à Argentina, principalmente pelos partidos de esquerda. Após o golpe militar no Chile, em 1973, a ONU passou a olhar de forma mais séria às questões da América Latina, além da África e da Ásia.

Estas denúncias eram originárias principalmente da Europa, onde as principais manifestações eram de grupos e partidos de esquerda. O caso de maior destaque é o da França, onde foi criado o Comitê de Boicote à Copa o Mundo na Argentina (COBA)¹². Neste sentido, cabe destacar que foi só a partir do golpe chileno de 11 de setembro de 1973 e a consequente repressão instalada naquele país que a América Latina entrou na pauta de Direitos Humanos das principais organizações e partidos políticos de esquerda internacionais. Foi também um momento de mudança na política da ONU, que passou a olhar mais para os casos da América Latina além dos africanos e asiáticos. (MAGALHÃES, 2012, p.2)

A explicação para a França difundir a campanha de denúncia à Argentina deve-se ao desaparecimento de prisioneiros políticos franceses.

Contudo, os alcances da repressão —e em particular a prática do desaparecimento forçado de pessoas e a tortura— facilitaram a difusão do caso. A isto se somou à existência de numerosos desaparecidos e prisioneiros políticos franceses (ou binacionais), que deu a campanha um protesto mais eficaz.¹³ (FRANCO, 2005, p.4, tradução nossa)

¹² Comité de Boycott du Mondial de Football en Argentine

¹³ No original: “No obstante, los alcances de la represión —y en particular la práctica de la desaparición forzada de personas y la tortura— facilitaron la difusión del caso. A esto se sumó la existencia de numerosos

Alguns jogadores europeus deixaram de participar da Copa do Mundo por conta de motivos pessoais atrelados ao momento político vivido na Argentina. O holandês Johan Cruyff, destaque da Holanda e um dos melhores jogadores do mundo na época, foi um deles.

Além dele, Paul Breitner, lateral-esquerdo da Alemanha Ocidental, que era defensor do comunismo, chegou a fazer campanha para a não participação de sua seleção na competição (AGUIAR, 2009).

Já na Argentina, o apoio nacional à “campanha anti-argentina” vinha de quem era contra o governo ditatorial, mais precisamente dos apoiadores do governo de Perón.

Montoneros –organização a qual pertencia com vários graus de adesão uma boa parte dos exilados na França- propôs uma “trégua” ao governo argentino durante o Mundial e considerava a realização do evento na Argentina como uma forma de mostra a “verdadeira situação” e de reforçar a “ofensiva” contra a ditadura.¹⁴ (FRANCO, 2005, p.7, tradução nossa)

Com a proximidade do evento, as denúncias passaram a ser mais contundentes contra a realização da Copa do Mundo de 1978. Tanto dos exilados políticos, quanto dos órgãos internacionais, a opção que chegou a ser debatida era do boicote dos envolvidos. Entretanto, tratando-se de um evento mundial, era uma questão delicada a ser discutida.

Por outro lado, os que estavam fora do país também viveram de forma intensa a Copa de 78. A questão de boicotar ou não a Copa foi discutida em diversas partes do mundo, principalmente em lugares com grande número de exilados, como México, Brasil, Espanha e França. No México, por exemplo, os membros Montoneros trabalhavam também na Contra-Ofensiva (que ocorreu em 1979), e aproveitaram a atenção internacional para realizar diversos trabalhos de denúncia da situação argentina. Para muitos exilados a Copa era também um momento de esperança, tanto de alguma possível ação contra o governo como de encontrar nas transmissões algum companheiro desaparecido nas plateias dos estádios. (MAGALHÃES *apud* DA CRUZ, 2015, p.27)

desaparecidos y prisioneros políticos franceses (o binacionales), lo cual dio a la campaña de denuncia una mayor efectividad”

¹⁴ No original: “Montoneros –organização a qual pertencia com vários graus de adesão uma boa parte dos exilados na França- propôs uma “trégua” ao governo argentino durante o Mundial e considerava a realização do evento na Argentina como uma forma de mostra a “verdadeira situação” e de reforçar a “ofensiva” contra a ditadura”

A outra questão era a dos países que haviam se classificado para a Copa. Enquanto a pressão internacional era frequente, as seleções que haviam se qualificado ao Mundial não tinham uma posição definida quanto boicotar ou não a competição.

Esse ponto da utilização do mundial como vitrine para mostrar ao mundo já foi apresentada, porém o que tem que se observar é como os países classificados levariam em conta essa medida de boicotar o evento. Temos de lembrar que a preparação para uma Copa do Mundo não é algo imediato, o trabalho eliminatório entre os países é longo, então abandonar um campeonato o qual a vaga foi conquistada no campo era sempre difícil. Entre os ex-jogadores também existiu apoio ao boicote, “duas importantes personalidades do esporte – o alemão Breitner e o holandês Cruyff – resolveram aderir ao movimento de boicote aos jogos e se negaram a acompanhar suas seleções” (DANTAS *apud* DA CRUZ, 2015, p.28)

Chama atenção no processo de boicote à realização da Copa do Mundo na Argentina a não participação efetivamente de membros argentinos no COBA. Enquanto estavam presentes franceses e cidadãos de outros países provenientes da Europa no comitê, pessoas nascidas no país sul-americano não se faziam representar.

Para explicar a não-participação argentina, os organizadores franceses do COBA indicam as “diferenças ideológicas”, entre as quais incluem o interesse francês pelo problema dos direitos humanos desde uma postura anti-imperialista –causa que os argentinos “não entendiam” e estavam a “mil léguas disso”, diziam-; a impossibilidade de criticar o peronismo e a importância exagerada pelos argentinos ao futebol como “esporte popular”.¹⁵ (FRANCO *apud* DA CRUZ, 2015, p.30)

Os trabalhos de atuação da COBA aconteciam por meio de reuniões e divulgações a partir da Anistia Internacional e informações à imprensa. Dessa maneira, a instituição começava a difundir seus ideais contra a realização da Copa do Mundo.

Então, o COBA estendeu suas atividades através de campanhas e conferências de imprensa, reuniões informativas em bairros e empresas e

¹⁵ No original: “Para explicar la no participación argentina, los organizadores franceses del COBA indican las “diferencias ideológicas”, entre las cuales incluyen el interés francés por el problema de los derechos humanos desde una postura antiimperialista –causa que los argentinos “no entendían” y estaban a “mil leguas de eso”, señalan-; la imposibilidad de criticar al peronismo y la importancia adjudicada por los argentinos al fútbol como “deporte popular”

a publicação de uma série de materiais de difusão (pôsteres, folhetos, ilustrações, gravações, musicais e documentários) denunciando a situação argentina sob o lema: “A Copa do Mundo de Futebol prevista para junho de 1978 na Argentina será feita nos campos de concentração?”¹⁶ (FRANCO, 2005, p.3)

No entanto, mesmo o COBA sendo contra a realização do evento na Argentina, o jornal *L'Equipe*, tradicional veículo esportivo da França, (DA CRUZ, 2015), em certa medida, apoiava o Mundial do ponto de vista do entretenimento e prática esportiva, desvinculando-se da questão política. A interferência do governo no futebol era vidente, mas também, à época, foi trazido o ponto de vista de quem apoiava o esporte pela atividade física.

A interferência do governo militar sobre os meios de comunicação era notória em seu país, porém também existem aqueles que apoiam e incentivam o esporte apenas pelo prazer de entretenimento que este lhes proporciona, como pode ser o caso desse jornal francês (DA CRUZ, 2015, p.33)

Com a proximidade do evento, o COBA pressionava por atitudes a serem tomadas em relação à Copa. Como um torneio de tamanha magnitude, com seleções de todo o mundo, poderia ser realizado em um país onde se vivia um regime ditatorial em que milhares de pessoas estavam desaparecidas e eram vítimas de tortura?

A ideia de mudança de sede do mundial era bem vista pela Bélgica, pela Holanda e pelo Brasil, que havia sido tricampeão do mundo em 1970 sob o regime militar e enxergava a Copa de 1978 com um potencial gigante para efetivação ainda maior das ideologias do sistema repressor.

No entanto, a Copa do Mundo seguiu sendo realizada na Argentina apesar de todas as tentativas do COBA de realizar um boicote.

Como se sabe, o Mundial aconteceu e foi na Argentina. A luta do COBA também não obteve êxito no que se refere ao boicote, uma vez que as

¹⁶ No original: “Muy pronto, el COBA extendió sus actividades a través de campañas y conferencias de prensa, reuniones informativas en barrios y empresas y la publicación de una serie de materiales de difusión (afiches, folletos, ilustraciones, grabaciones musicales y documentos fílmicos) denunciando la situación argentina bajo la consigna: “¿La Copa mundial de fútbol prevista para junio de 1978 en Argentina se hará entre los campos de concentración?”

delegações que haviam se classificado se apresentaram em solo sul-americano, inclusive os franceses, uma vez que “Michael Hidalgo, treinador da equipe francesa, alegou que os *bleus* não iriam à Argentina ao encontro de um regime, mas de um povo.” (AGOSTINO *apud* DA CRUZ, 2015, p.34)

Mesmo com toda a pressão francesa pelo boicote a partir do COBA, a Copa do Mundo foi realizada em território argentino com a presença da seleção francesa (FRANCO, 2005).

A tentativa de o governo argentino manter a Copa do Mundo, que realmente aconteceu em solo sul-americano, escondia um paradoxo que se tornava visível nas ações da população do país, segundo Da Cruz: “Essa era, em definitivo, a tragédia argentina: um país partido pela metade, uma nação cortada em dois por uma dicotomia tragicômica em que o futebol e a morte expressavam a mais absurda contenda da história”. (ARCHETTI *apud* DA CRUZ, 2015, p.35).

Campeão naquela edição, o ex-meia Ricardo Villa, em entrevista ao documentário “Memórias de Chumbo: o futebol nos tempos do Condor”, deixava claro a tentativa do governo com o futebol e a seleção a qual fez parte: “É incrível como o governo militar usou politicamente a Copa e o significado desse evento (...) Creio que o governo militar usou a Copa do Mundo de 1978 para distrair coisas mais profundas.”¹⁷

Em junho de 1976, a Junta criou o Ente Autárquico Mundial¹⁸ (EAM), responsável por cuidar dos assuntos voltados ao Mundial, que deixava na mão do governo os interesses relativos à competição. Assim, era feita a dissociação com a AFA (Associação de Futebol Argentina), que ficava somente responsável pela seleção e sua preparação para o torneio.

Fica claro, portanto, que a ditadura argentina precisava trabalhar e buscar melhorias de sua imagem mediante às constates denúncias internacionais e nacionais (MAGALHÃES, 2012).

A imprensa e o governo militar andavam na mesma direção. A primeira tinha importante papel no desejo da vitória ufanista pretendido pelo segundo. Para isso, o posicionamento para a realização da Copa do Mundo na Argentina deveria ser cada vez mais divulgado pelos meios jornalísticos.

¹⁷ Disponível em: <https://bit.ly/YTGtVY>. Acesso em: 8 de dezembro de 2019

¹⁸ A Entidade Autárquica Mundial 78 foi uma entidade criada em 1976 pelo Conselho Militar do Governo durante o Processo Nacional de Reorganização para organizar a Copa do Mundo de 1978.

Nota-se o posicionamento pró-mundial defendido pelo semanário, claro, influenciado pelo governo, afinal esse era um expediente comum em governos autoritários. Desta forma “a revista *El Gráfico*, que, como uma espécie de boletim oficial, seria uma das grandes promotoras do discurso ufanista que envolvia a seleção argentina (AGOSTINO *apud* DA CRUZ, 2015, p.45)

Um dos principais jornais do país, o *La Nación*, adota a mesma posição hegemônica em que a imagem da pátria deveria se sobrepôr à ideia de denúncia internacional. Entre a “campanha anti-argentina” e a “contra-campanha”, evidencia-se que a vitoriosa foi a segunda, devido à realização do Mundial em terras sul-americanas. Muitos dos esforços para essa conquista de vender uma imagem positiva tiveram protagonismo da imprensa, que trabalhava diariamente para estampar em seus veículos uma imagem positiva do país.

Nas palavras do intendente militar de Buenos Aires: a organização do Mundial de Futebol havia aceitado “para poder presentear o mundo da imagem autêntica de nossa pátria e não na que subministravam e subministram -os mal chamados argentinos que não podem ser compatriotas, ao cobrir com obscuras telas a fisionomia cabal argentina.” Em esse tipo de argumentos outra vez se substitui a ideia da denúncia internacional contra o governo militar pela “campanha anti-Argentina montada no exterior” e a defesa das políticas militares da “imagem autêntica de nossa pátria”. LN, 29/6/78, p.16 (FRANCO, 2002, p.17)¹⁹

Com isso, o objetivo do governo havia sido alcançado: “a imagem principal construída do grupo argentino foi de harmonia, tanto entre atletas e o técnico como com o regime e os meios de comunicação. ” (MAGALHÃES, 2012, p.3)

O início do evento demandava, agora, o governo colocar em prática o que já havia sido constatado: o esporte como ferramenta de unificação nacional. Para isso, o sentimento nacionalista deveria ser incentivado pelos líderes do regime.

¹⁹ No original: “en palabras del intendente militar de Buenos Aires: la organización del Mundial de Fútbol se había aceptado “para poder presentar al mundo la imagen auténtica de nuestra patria y no la que suministraban y suministran- los mal llamados argentinos que no pueden ser compatriotas, al cubrir con oscuros telones la cabal fisonomía argentina”. En este tipo de argumentos otra vez se sustituye la idea de la denuncia internacional contra el gobierno militar por la “campanña antiargentina montada en el exterior” y la defensa de las políticas militares por la “imagen auténtica de nuestra patria”.

Já desde a cerimônia inaugural ficou claro qual seria a atitude dominante dos espectadores: jogar de argentinos. Alguns, a minoria, entenderam que isto incluía um respaldo explícito ao governo: segundo o Clarín (02.06.1978), os comandantes-em-chefe “foram recebidos pelos espectadores, que aplaudiram quando o locutor oficial mencionou seus nomes”. A rebeldia se limitou à fração de torcedores que jogava papezinhos nos estádios. (NOVARO & PALERMO, 2007, p.208)

“O Mundial também é confraternização... e você joga de argentino”. (NOVARO & PALERMO, 2007, p.206). A frase usada como slogan da campanha oficial da Copa do Mundo de 1978 mostra como o governo enxergava no futebol o resgate do sentimento nacionalista. Era por meio dele que o cidadão argentino demonstraria o seu amor à pátria e o regime conseguiria seu apoio.

Com o objetivo de utilização política do Mundial já definido faltava algo que servisse de fator para a união do povo e de sua seleção de futebol, encontrado na forma do slogan do evento “Vinte cinco milhões jogarão o Mundial”, “a mensagem era clara. Aquele que não abraçasse a causa da seleção não podia ser considerado um argentino de fato.” (AGOSTINO apud DA CRUZ, 2015, p.43)

Como já explicado no capítulo anterior, o insucesso da seleção argentina em outros eventos futebolísticos fazia o torcedor abraçar o time em busca do inédito título da Copa do Mundo, ainda mais tratando-se da primeira edição sendo sediada no país portenho. “O Mundial foi vivido por muitos como uma oportunidade para recompor a autoestima maltratada por sucessivos fracassos e frustrações.” (NOVARO & PALERMO, 2007, p.210).

3.2 - Os palcos

Estabelecida a realização da Copa do Mundo na Argentina, uma série de reformas e projetos de infraestrutura passaram a ser planejados pela Junta Militar. Há de se imaginar que os palcos principais são os estádios que receberão as partidas. Em um evento como o Mundial de seleções é comum que um seja escolhido como protagonista da abertura e encerramento do torneio. Nas outras sedes, além de Buenos Aires, os estádios tomam ainda mais papel preponderante, pois trazem para o local a festa em cidades que, normalmente, não são grandes centros do país.

De um modo geral, um estádio de futebol é muito mais que um espaço de confronto esportivo. Em alguns casos, ele é um símbolo tão forte para o clube quanto a sua camisa, seu hino, ou seja, um elemento a mais na própria identificação do torcedor com a equipe de coração. (MAGALHÃES, 2013, p.85)

Por trás dos estádios, que sofreram um grande processo de reformas para receber o evento, a infraestrutura para além dos ‘atores principais’ também tem seu papel importante para a Copa do Mundo. A construção de hotéis para receber os turistas, reformas urbanas, bem como de aeroportos, também foram importantes para engrandecer o Mundial.

Como apresentado anteriormente, a imprensa teve importante papel na vitória contra a ‘campanha anti-argentina’ e para a realização da Copa do Mundo em 1978 no país portenho. No entanto, além da utilização da imprensa, outra grande reforma da Junta Militar foi a instalação de um novo sistema televisivo. Para os militares, a transmissão das partidas pela televisão era a forma ideal de internacionalizar a Argentina e trabalhar a organização da Copa do Mundo como arma de propaganda do governo.

Com os avanços tecnológicos, o palco deixou de se limitar ao espaço físico do país que sediava a Copa. A transmissão ao vivo pela televisão permitiu que mesmo os que não tiveram a oportunidade de ir ao país da competição tivessem a possibilidade de acompanhar e participar da festa. Nesse sentido, o Brasil entrou no clima da preparação em 1970. Já na Argentina, a transmissão internacional em cores movimentou o governo a criar um novo edifício de transmissão (MAGALHÃES, 2013, p.86)

A Fifa²⁰ teve papel importante na consolidação do projeto argentino em divulgar a Copa do Mundo como forma de rebater as críticas que vinha recebendo e passar uma imagem interna positiva. A mudança pode ser compreendida a partir da entrada do brasileiro João Havelange para o cargo de presidente da entidade. O dirigente ficou no comando da federação entre os anos de 1974 e 1998. Em seu mandato houve “a

²⁰ A Federação Internacional de Futebol, por vezes referida como Federação Internacional de Futebol Associação (em francês: Fédération Internationale de Football Association), mais conhecida pelo acrônimo FIFA, é uma organização sem fins lucrativos internacional que dirige as associações de futsal, futebol de areia ou futebol de praia e futebol, o esporte coletivo mais popular do mundo. Filiada ao Comitê Olímpico Internacional, a FIFA foi fundada em Paris em 21 de maio de 1904 e tem sua sede em Zurique, na Suíça.

consolidação do futebol, e por consequência da Copa do Mundo, como o grande espetáculo esportivo e televisivo mundial”. (MAGALHÃES, 2013, p.86).

Frise-se que Buenos Aires fora maquiada e engalanada para revelar ao mundo, através da nova TV à cores [...] uma imagem falsa, com uma roupagem mentirosa de tranquilidade [...] estima-se que milhões de dólares tenham sido derramados por veículos de comunicação para mostrar a casca de um monstro bonito por fora e feio por dentro. (DANTAS, 2014, p.29)

A mudança tecnológica a partir da televisão a cores trouxe também a chegada de patrocinadores milionários. Dessa forma, um novo cenário jamais antes visto em uma Copa do Mundo dava as caras: a elitização de seu público que exigia reformas progressivas nas sedes e nos estádios.

Com isto, houve a mudança também no público que participava das Copas e, em alguns casos, os jogos são quase completos com convidados da associação ou de patrocinadores. Isso significou uma importante mudança nos padrões exigidos pela FIFA para os estádios das sedes, muitas vezes pensados também para outros esportes e eventos, aumentando assim o lucro. (MAGALHÃES, 2013, p.86)

Para a Copa do Mundo de 1978, o EAM reformou três estádios e construiu outros três. O Monumental de Nuñez, pertencente ao Club Atlético River Plate, e o José Amalfitani, que pertence do Club Atlético Vélez Sarsfield, foram reformados. Ambos se encontram em Buenos Aires. Além da capital argentina, as outras sedes localizavam-se em Córdoba, onde foi construído o Estádio Olímpico de Córdoba, local que o Club Atlético Talleres disputa seus jogos; Mar del Plata, onde foi construído o Estádio José María Minella, local que o Club Atlético Aldosivi tem o mando de suas partidas; Rosário, onde o Estádio Gigante de Arroyito foi reformado, local que o Club Atlético Rosário Central desenvolve suas partidas; Mendoza, onde foi construído o Estádio Ciudad de Mendoza, que em 1982 foi rebatizado como Malvinas Argentinas, local onde o Club Deportivo Godoy Cruz Antonio Tomba realiza suas partidas.

O principal palco argentino na competição era o Estádio Monumental de Nuñez, do River Plate. Nele seriam realizadas as partidas de abertura e encerramento do torneio, com a grande final. No entanto, uma contradição marcava o local. Ele ficava apenas a 700

metro das Escola de Mecânica da Marinha (ESMA), que era um dos principais órgãos clandestinos de repressão e tortura do regime.

Durante os 25 dias de Copa, 65 pessoas foram assassinadas ou desapareceram. Atrás dessas árvores está a Escola de Mecânica da Armada (ESMA), o maior campo de concentração do continente. No coração de Buenos Aires. Ali, a 700 metros do Monumental de Nuñez, o campo do River Plate, enquanto homens e mulheres eram torturados, assassinados ou retirados para os voos da morte, ouvia-se o barulho da torcida e as comemorações dos gols²¹

A proximidade entre a festa do futebol no estádio do River Plate e o terror promovido pelas torturas e assassinatos na ESMA marcaram a vida de Graciela Daleo, socióloga e sobrevivente da ditadura no país. Em entrevista ao documentário “Memórias de Chumbo: o futebol nos tempos do Condor”, ela conta dos 15 meses que viveu dentro da Escola de Mecânica da Marinha. No dia 25 de junho de 1968, a Argentina vencia a Holanda por 3 a 1 e conquistava o seu primeiro e tão sonhado título mundial. Mas, para ela, o momento de terror foi o que ficou marcado pelo inverossímil das realidades distintas vividas em poucos metros.

Vimos a final da Copa no quarto dos fundos com um grupo de prisioneiros. E eu, como o resto, comemorava os gols. E, quando terminou a partida e todos nos abraçamos, como se fosse um combinado, subiu ao terceiro andar o chefe da inteligência da Escola de Mecânica da Armada, José Eduardo Acosta. Ele foi um repressor e quando o vejo, até hoje, inclusive no banco dos réus, me recordo o terror que esse assassino me provocava. Ele entrou exultante gritando: “Ganhamos”. Aos prisioneiros homens apertou as mãos, às mulheres deu um beijo. E quando escutei “ganhamos” tive uma certeza: se eles ganharam, nós perdemos. É algo que me caiu assim como uma certeza indubitável. Ele se foi, nós continuamos ali. Vieram os guardas, como acontecia algumas vezes, chamando alguns e avisando que íamos sair. E eu fui uma das selecionadas para segui-los. Nos levaram aos automóveis. Me levaram a um Peugeot 504 verde-musgo, saímos da ESMA e fomos pela rua Republicueta até a avenida Camili. Quando chegamos à avenida Camilo, uma avenida importante de Buenos Aires, não podia crer no que estava vendo. Simplesmente gritavam: “Argentina! Argentina!” e comemorando o fim da Copa e a Argentina, que vivia sob uma ditadura, fora vitoriosa. Então, naquele micromundo, no carro, sentia que me asfixiava, que minha cabeça pesava. Então perdi permissão a Febres, que era o chefe da coluna, como diziam, que me deixasse parar para olhar. O carro tinha um

²¹ Disponível em: <https://bit.ly/YTGtVY>. Acesso em: 24 de maio de 2020

teto-solar e eu queria olhar. Ele autorizou, eu me levante e, olhando diretamente essa multidão, tive outra vez a certeza de que se eles ganharam, nós perdemos. E se começasse a gritar que era uma desaparecida, ninguém ia me dar bola. Então, comecei a chorar e me sentei novamente.²²

Outro ponto questionado durante o torneio foi a realização dos jogos da primeira fase da Argentina em Buenos Aires. Enquanto isso, o Brasil, considerado o principal adversário, teria de atravessar o país e jogar nas cidades de Mar del Plata e Mendoza. Tal situação fez as seleções duvidarem de um favorecimento aos donos da casa, já que teriam de fazer o menor deslocamento entre os possíveis para realizar seus jogos na fase de grupo. Conseqüentemente, teriam um menor desgaste e uma logística que, supostamente, os favoreceriam.

Por outro lado, a não realização de jogos em outras províncias ia de encontro ao projeto do governo em difundir o nacionalismo. Porém, a ideia estava clara: vender a imagem de união e pátria a partir da capital, local onde os investimentos foram mais fortes e serviriam como vitrine para o mundo.

Menos viagens e menos cidades significava um roteiro que não espelhava uma “união nacional”, já que a seleção praticamente não saía do eixo da capital. De fato, se tivesse sido classificada em primeiro lugar de seu grupo como se esperava, a seleção argentina teria feito todos os seus jogos no Estádio Monumental, na capital do país. A segunda colocação no grupo levou a equipe a Rosário, na província de Santa Fé (...) Era jogando na capital que se conseguia maior participação de argentinos, já que a maioria da população se encontrava na região metropolitana de Buenos Aires. Foi nesta região que o governo fez mais investimentos de infraestrutura, e historicamente era também a parte mais desenvolvida do país, o que a tornou a grande vitrine do regime para o mundo (MAGALHÃES, 2013, p.98)

3.3 - Os heróis

Após a eliminação na segunda fase da Copa do Mundo em 1974, a AFA resolveu mudar o comando da seleção e trazer um treinador que se destacava no comando do Club

²² Disponível em: <https://bit.ly/YTGtVY> . Acesso em: 24 de maio de 2020

Atlético Huracán e fora jogador da seleção: César Luis Menotti. Por conta de seus compromissos com o Globo²³, só assumiu a seleção nacional no início de 1975.

Menotti nasceu em 1938, na cidade de Rosário, pertencente à província de Santa Fé. Como jogador de futebol, defendeu as cores de tradicionais clubes argentinos, como: Boca Juniors, Racing e Rosário Central. No Brasil, jogou pelo Santos, em 1968, ao lado de Pelé e companhia.

Como técnico, ficou marcado pela ruptura do estilo de jogo tradicional importado da Europa, com na defesa. Sua inovação vinha de uma estratégia voltada para a posse de bola, com uma maneira mais plástica de se construir as jogadas.

Mesmo com o golpe de 1976, seu cargo foi mantido, apesar das intervenções da Junta Militar na diretoria da AFA²⁴. O que chama a atenção era que Menotti tinha relações tanto com o Partido Comunista Argentino e com o peronismo.

Mesmo com o golpe militar instaurado em 1976, Menotti foi mantido no cargo de técnico da seleção. Um ponto que chama atenção é a ligação do treinador com o Partido Comunista Argentino e o peronismo (...) Porém não foi considerado uma ameaça para o novo regime; ao contrário, sua campanha vitoriosa, que em 1976 conquistou o campeonato juvenil de Toulon, com a seleção base que conquistaria a Copa de 1978, foi vista de maneira positiva para os planos de conquistar a competição em casa (MAGALHÃES, 2013, p.123)

Após sucessivos fracassos nas edições anteriores, a seleção argentina chegava à Copa do Mundo pressionada. O time treinado por César Luis Menotti tinha sido experimentado por quatro anos até a convocação final. Para o torneio, o técnico convocou: Norberto Osvaldo Alonso, Osvaldo César Ardiles, Héctor Rodolfo Baley, Daniel Bertoni, Ubaldo Matildo Fillol, Américo Rubén Gallego, Luis Galván, Rubén Galván, René Houseman, Mario Alberto Kempes, Daniel Killer, Omar Larrosa, Ricardo Antonio La Volpe Guarchoni, Leopoldo Jacinto Luque, Jorge Olguín, Oscar Alberto Ortiz, Miguel Oviedo, Rubén Pagnanini, Daniel Alberto Passarella, Alberto César Tarantini, José Daniel Valencia e Ricardo Villa.

A Argentina possuía uma defesa forte e um ataque bastante criativo. Os destaques desta seleção eram o seguro goleiro Fillol, o firme zagueiro Daniel Passarella e o artilheiro

²³ Apelido do Huracán

²⁴ Associação de Futebol da Argentina

Kempes. Para a Copa do Mundo, o técnico Menotti não convocou Diego Armando Maradona que, na época tinha apenas 17 anos e só viria a brilhar pela seleção em 1986, sendo o grande jogador daquele time que conquistou o bicampeonato mundial.

Disputada com 16 participantes, a Argentina caiu no Grupo A da competição junto com Itália, França e Hungria. Na primeira rodada, os comandados por Menotti derrotaram a Hungria por 2 a 1, gols de Luque e Bertoni. Na segunda partida, a seleção venceu a França pelo mesmo placar. Desta vez, Passarella e Luque marcaram. Por fim, na última rodada, a Argentina foi derrotada por 2 a 1 pela Itália e avançou para a segunda fase na vice-liderança da chave.

A imprensa voltaria a ter papel importante na tentativa de o governo vender a imagem nacionalista. Mesmo com a derrota na última rodada da fase de grupos e as vitórias apertadas contra Hungria e França, o time comandado por Menotti, que até o momento não demonstrara um futebol envolvente e digno de conquistar a tão sonhada taça, não obteve críticas por parte dos veículos de informação. O discurso ainda possuía caráter otimista que, através da força do elenco, representava a nação dentro de campo. (MAGALHÃES, 2013, p.154)

Em um evento tão grandioso como a Copa do Mundo, os jogadores e os treinadores são os principais responsáveis pela conquista. Mesmo na situação vivida pela Argentina, em um regime ditatorial que busca o protagonismo no evento para vender internacionalmente uma imagem heroica do governo, são os atletas que venceram e deram o primeiro título do torneio à nação. São eles os verdadeiros heróis capazes de mobilizar milhares de cidadãos apaixonados pelo futebol e tornar o esporte um show à parte.

A tentativa de aproximação dos jogadores como cúmplices marcam até hoje a conquista da Argentina. Antes do pontapé inicial da Copa do Mundo, os jogadores argentinos foram recebidos pelo presidente Videla na Casa Rosada. O intuito era claro: aproximar os jogadores do regime e mostrar a imagem que a seleção representava a nação.

No entanto, nomes de destaque daquele campeonato tentam até hoje desfazer a ligação estabelecida entre a conquista dos jogadores e a ditadura. O ponta-direita René Houseman, em entrevista ao documentário “Memórias de Chumbo: o futebol nos tempos de Condor”, é bastante enfático ao desvincular o título argentino à conquista do regime.

“Não somos campeões da ditadura. Eu me sinto campeão do mundo, joguei pela Argentina, não joguei para os milicos. Se eu soubesse o que acontecia no país, não teria jogado a Copa, teria me retirado. Eu, pessoalmente, Houseman.”²⁵

Na segunda fase, a Argentina caiu no Grupo B, juntamente com Brasil, Peru e Polônia. Na primeira partida, vitória por 2 a 0 em cima dos europeus, com dois gols de Kempes.

Na segunda rodada, o clássico esperado contra a seleção brasileira. A partida aconteceu no Estádio Gigante de Arroyito, na cidade de Rosário. Abarrotado com mais de 37 mil espectadores, quem vencesse a partida carimbaria a vaga para a decisão do Mundial, já que ambos haviam vencido seus primeiros compromissos. Em uma partida bastante disputada, tanto do ponto de vista técnico quanto do físico, o resultado foi o 0 a 0, que deixaria em aberto para a última rodada o representante sul-americano na final do torneio.

Na terceira rodada, a maior sequência de polêmicas que marcariam a Copa do ponto de vista futebolístico. A primeira fora a decisão do Brasil jogar à tarde em Mendoza contra a Polônia. A decisão enfureceu os brasileiros, já que a Argentina entraria em campo em Rosário sabendo do resultado que necessitaria para ir à final. Os comandados por Coutinho derrotaram os europeus por 3 a 1, com dois gols de Nelinho e um de Roberto Dinamite. O placar faria a Argentina ter que vencer os peruanos por, no mínimo, quatro gols para chegar à decisão.

A segunda polêmica se dá pela visita do General Videla, acompanhado do ex-secretário de estado americano Henry Kissinger, ao vestiário peruano momentos antes da partida.

José Velasquéz (ex-jogador da seleção peruana em 1978) – ‘Tivemos a visita do General Videla com o presidente da nossa Federação. Para nos desejar sorte na partida. Nos pareceu muito estranho que o presidente de um país vá pessoalmente nos desejar sorte. Algo estranho’²⁶

A presença de Videla e Kissinger deixava claro o tom intimidador voltado aos peruanos. Vale lembrar que o país também vivia uma ditadura.

²⁵ Disponível em: <https://bit.ly/YTGtVY>. Acesso em: 24 de maio de 2020

²⁶ Documentário do Observatório de Imprensa sobre a copa do mundo de 1978. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/>. Acesso em: 24 de maio de 2020

Quando Jimmy Carter chegou à presidência dos Estados Unidos ele deixou de ser Secretário de Estados, mas de todas as maneiras foi um dos ideólogos do Plano Condor, que se estava implementando em toda a região. Foi uma pessoa muito influente e alguns jogadores do Peru não sabiam quem estava em frente a eles, mas outros o reconheceram. O filho do ditador peruano era chefe da delegação do Peru²⁷

O Peru havia se classificado em primeiro lugar na sua chave e mostrava um belo futebol comandado pelo atacante Teófilo Cubillas. À época, não se apostava que os peruanos pudessem ser derrotados por mais de quatro gols pelos argentinos.

No entanto, na partida realizada em Rosário, a terceira situação que trouxe mais ideias de conspirações para a chegada da Argentina à final: a seleção dirigida por Menotti venceu o Peru por 6 a 0, com gols de Kempes, duas vezes, Luque, também duas vezes, Tarantini e Houseman. Portanto, a vaga na decisão e a chama de conquistar o inédito título mundial estava acesa.

As teorias que o General Videla tivesse envolvido, ameaçando e subornando autoridades após os resultados foram diversas.

A influência de Videla e as teorias acerca de suas manobras no Mundial e do seu poder de ameaçar e dar fim a pessoas foram inúmeras. Na polêmica partida em que a Argentina tinha que ganhar com 4 gols de diferença do Peru para se classificar para a final, o nome de Videla esteve envolvido em todos os noticiários e teorias da conspiração. A Argentina ganhou aquela partida por 6 a 0 do Peru e foi à final. Uma das teorias que surgiram é a de que Videla teria mandado ameaçar a família do goleiro peruano Quiroga, argentino de nascimento, que atuava pela seleção do Peru. A família do jogador morava na cidade de Rosário; o jogador nega que tenha sofrido ameaças. Outras teorias dizem que Videla subornou o general peruano Francisco Morales Bermúdez, prometendo um carregamento de 14 mil toneladas de trigo argentino, além de “créditos especiais” em troca do resultado do jogo (DIAS, 2015, p.24)

No dia 25 de junho de 1978 ocorreu a grande final, com mais de 71 mil pessoas estavam presentes no Estádio Monumental de Nuñez para acompanhar a decisão entre Argentina e Holanda, que havia sido vice-campeã em 1974. Os europeus, sem Cruyff, que se recusou a jogar a Copa, eram comandados por Neeskens, Rensenbrink e Van De Kerkhof. No tempo normal, empate por 1 a 1. Kempes marcou para os donos da casa aos

²⁷ Idem

38 minutos da primeira etapa, enquanto Nanninga empatou no fim, aos 38 minutos do segundo tempo, para os holandeses. Na prorrogação, sobressaiu a genialidade de Mario Kempes, que voltou a marcar, e se tornou o artilheiro da competição com seis gols. Bertoni fechou a vitória aos 11 minutos do segundo tempo da prorrogação.

Com o título, milhares de argentinos comemoravam nas ruas de Buenos Aires o primeiro troféu da seleção em uma Copa do Mundo. Para os militares, foi a consagração do projeto político travestido no nacionalismo estampado no futebol. Era a imagem do país vencedor sendo vendida para o mundo.

4 – O pós-título e memória

No último capítulo, o objeto analisado foi todo o decorrer da Copa do Mundo e sua importância para o regime militar, afinal, uma vitória no Mundial sediado em território argentino, a princípio, silenciaria a população e a mídia internacional acerca de todas as atrocidades realizadas pela ditadura de Videla.

No capítulo atual, será analisada a importância para o governo militar, além da vitória no torneio, da construção de uma imagem pós-título positiva. Para isso, será analisado o filme ‘La Fiesta de Todos’ (1979) e como eventos esportivos seguintes auxiliaram na construção dessa imagem.

O capítulo também mostrará, em partes, como os clubes de futebol argentinos tratam o tema. Para isso, será visto como as equipes tratam e simbolizam o ‘Dia Nacional da Memória pela Verdade e Justiça’²⁸.

Além disso, também será mostrada a ação realizada pelo Club Atlético Banfield, primeiro clube da Argentina que reintegrou os sócios desaparecidos no regime militar.

4.2 - A construção memorável da Copa

Depois de se tornar campeã mundial pela primeira vez, a festa tomou conta do território argentino. O governo militar via, assim, seu objetivo completado: a vitória esportiva como forma de sucesso político. A construção de uma memória já era feita pelos militares desde a tomada do poder. “Os militares procuraram construir, durante a ditadura, uma memória que invocava o passado para legitimar sua imagem de salvadores da pátria contra o inimigo subversivo”. (CAPELATO, 2006, p.68)

Agora, o objetivo era a produção de uma memória coletiva voltada para o feito inédito e histórico: a vitória da seleção argentina na Copa do Mundo de 1978, em casa, como feito do regime militar.

²⁸ O *Dia da Memória pela Verdade e Justiça* comemora o Golpe de Estado de 1976 em Argentina. Esta data também honra a memória das mais de 30.000 vítimas atribuídas à ditadura que governou a Argentina até o ano de 1983, como consequência desse golpe; assim pretende promover a defesa dos Direitos Humanos.

“Após o fim da ditadura em 1983, a principal memória que prevaleceu na Argentina foi a da Copa como parte da vitória do regime, e a vitória como uma celebração oficial.” (MAGALHÃES, 2012, p.10)

Dessa forma, em 1979, um ano após o título mundial, o regime militar lançou o filme ‘La Fiesta de Todos’ com o objetivo de “finalizar o trabalho propagandístico pró-mundial e pró-nacionalismo”. (DA CRUZ, 2013, p.51)

A estratégia governamental de produzir um filme para retratar a vitória e o sucesso de um evento para o seu povo não era algo novo quando a Argentina produziu o filme ‘La Fiesta de Todos’ (DA CRUZ, 2015).

De fato, se a escritura de textos sobre as atividades humanas no tempo remonta à Antiguidade, foi apenas no Novecentos que o saber histórico institucionalizou-se, aspecto que não pode ser dissociado do fortalecimento dos Estados nacionais, que precisavam forjar, em cada cidadão, o sentimento de identificação para com a pátria. Nesse processo, o recurso a um passado comum, a ser compartilhado e reverenciado por todos e cuja aprendizagem deveria ser feita nos bancos escolares, constituiu-se num aliado essencial, capaz de “inventar tradições” e estabelecer elos poderosos. (LUCA *apud* DA CRUZ, p.52, 2015)

A ideia do filme dirigido por Sergio Renán era apresentar, do micro ao macro, as vitórias durante a Copa. Desde o sucesso nas vendas de bandeiras e camisetas até a união familiar proporcionada pelo evento que paralisava o país sul-americano.

Isto que estamos vendo e que nos emociona até as lágrimas é um símbolo que representa nossa gana de ser, de fazer, de demonstrar que podemos. Porque por trás desses garotos e nos ombros de tantos homens que trabalharam para realizar o mundial, inclusive milhares de argentinos anônimos, que construíram estádios, ruas, aeroportos e que criaram comunicações desde a Argentina até o resto do mundo. Tudo isso, pronto e funcionando, muito antes do começo do torneio, dando a melhor resposta aos cétricos do: não chegar²⁹

Ainda em 1979, visando favorecer ainda mais a imagem, foi realizada uma partida comemorativa de um ano do título mundial da Argentina e os 75 anos da FIFA. Em junho, com jogadores que jogavam nos clubes argentinos – dessa forma alguns campeões mundiais

²⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gPcGa5FCfyg> . Acesso em: 19 de setembro de 2020

que atuavam em equipes europeias ficaram de fora – a seleção enfrentou um combinado de diversos atletas de outros países. Nomes como os brasileiros Zico e Leão faziam parte da equipe. A partida, que foi realizada no Estádio Monumental de Nuñez, em Buenos Aires, sede da final da Copa do Mundo de 1978, teve vitória da seleção do combinado mundial por 2 a 1.

Outra glória para a Argentina viria meses depois. Dessa vez, no Campeonato Mundial Juvenil. Ali, surgiria o maior craque e protagonista do bicampeonato mundial que o país sul-americano viria conquistar em 1986: Diego Armando Maradona.

A nova glória nacional veio alguns meses depois, com a vitória da seleção argentina na Copa Mundial de Futebol Juvenil da FIFA, realizada no Japão entre os dias 25 de agosto e 07 de setembro. Com o jovem Diego Armando Maradona como destaque, certamente não gerou a mesma euforia que a conquista no ano anterior em casa, mas também significou uma renovação na imagem oficial (MAGALHÃES, p.191, 2013)

De fato, a conquista tinha um duplo peso para o governo argentino. O primeiro seria mais uma vitória esportiva, um ano depois do maior feito da seleção em mundiais. O segundo seria um título que o regime militar não tivesse intrinsecamente ligado, o que provaria a força da equipe nacional em outros territórios valorizando seu próprio mérito e deixando a interferência ditatorial em segundo plano.

4.3 - Dia Nacional da Memória pela Verdade e Justiça e o exemplo do Banfield

No ano de 2003, por meio da Lei 26.085, avançada pelo presidente Nestor Kirchner, foi estabelecido o Dia Nacional da Memória pela Verdade e Justiça na Argentina. A medida fazia parte dos passos da revogação das leis de anistia, criadas no final dos anos 80. As leis Ponto Final, de 1987, e da Obediência, de 1988, anistiam milhares de militares envolvidos nos mais de 30 mil assassinatos e desaparecimentos.

Comemorado no dia 24 de março, o Dia Nacional da Memória e Justiça busca, além da justiça, manter viva a memória de todos que foram vítimas da repressão.

Se entendermos que a memória só se explica pelo presente, pode-se afirmar que é deste presente que ela recebe incentivos para se consagrar enquanto um conjunto de lembranças de determinado grupo. São assim, os apelos do presente que nos explicam por que a memória retira do

passado apenas alguns dos elementos que possam lhe dar uma forma ordenada e sem contradições (MOTTA, p.182, 1998)

Entre as ações produzidas durante o Dia Nacional da Memória pela Verdade e Justiça, além das manifestações nas ruas, está a vigília feita em Buenos Aires. Realizada nas instalações do Arquivo de Memória Nacional, ocorrem orações em prol das vítimas. O processo vai até às 3h10, momento exato do golpe militar de 1976.

Apesar de individualmente o sentido de memória ser individual para cada familiar que teve um parente desaparecido ou assassinado na ditadura, ela só pode ser compreendida como fato social se analisado o coletivo. “É preciso que haja ao menos duas pessoas para que a rememoração se produza de forma socialmente apreensível” (MENEZES, 1992, p.14).

Assim, as memórias individuais, quando em coesão, passam a se tornar coletivas. Dessas memórias, a mais importante é a memória nacional (MOTTA, 1998), que é exatamente a criada pela sociedade argentina que se manifesta, atualmente, contra o que aconteceu nos regimes militares.

Há por fim, a mais expressiva das memórias coletivas, seja pela sua importância na sociedade contemporânea, seja pelos elementos que a compõem. Refiro-me a memória nacional. Ela não é, como podemos imaginar a primeira vista, a somatória das diferentes memórias coletivas de uma nação. Ela “apresenta-se como unificadora e integradora, procurando a harmonia e escamoteando ou sublimando o conflito (MOTTA, p. 184, 1998)

No futebol, o Dia Nacional da Memória pela Verdade e Justiça também é comemorado. Durante o dia 24, os clubes utilizam suas redes sociais, mediante os dizeres ‘nunca mais’, para reconhecer o que aconteceu durante o regime militar e expressar a vontade que jamais se repita.

Além das redes sociais, os jogadores entram em campo carregando uma faixa em repúdio à ditadura. Consolidado como o esporte mais popular da Argentina e, considerando os meios de comunicação como canal de entregar a mensagem, os jogadores, como ídolos de muitas pessoas e os clubes, como unificador de massas, têm papel importante na construção da memória coletiva.

A junção dessas memórias tem um caráter prático. Para retomar seu próprio passado, o ser humano frequentemente precisa buscar apoio nas lembranças dos outros, reportando-se a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade. O funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos, que são as palavras e as ideias que o indivíduo não inventou e que emprestou de seu meio (ALENCAR, p.108, 2011)

Dentro do contexto da construção de memória após o fim do regime militar, o Club Atlético Banfield, sediado na grande Buenos Aires, em Lomas de Zamora, se tornou um dos pioneiros e realizou um importante ato histórico.

No dia 3 de outubro de 2019, o clube argentino concluiu a restituição dos títulos de sócios de torcedores aos desaparecidos durante o regime militar. Durante a cerimônia, foi criada uma categoria especial aos apaixonados: Sócio Preso Desaparecido. Ao todo, foram 11 nomes eternizados no quadro do clube.

O Espaço Banfileño viveu um dia histórico, carregado de momentos emocionantes que ficarão na memória de todos os presentes. É que após um intenso trabalho, o Clube conseguiu devolver os cartões de Siliva Streger, Alberto Pera, Alejandro Hansen, Eduardo Streger, Germán Gavio, José Pablo Ventura, Leonel Saubiette, Mario Pierrepont, Raúl Ceci, Ricardo Chidichimo e Roberto Matthews, que foram vítimas do terrorismo de Estado e eram parceiros de Banfield. Agora sua família e amigos receberam os cartões (tradução nossa)³⁰

Ao analisar a restituição dos sócios ao quadro do clube, é importante voltar ao fenômeno de construção de memória coletiva. Como equipe de futebol que disputa a primeira divisão do Campeonato Argentino, o Banfield, além do principal rival, o Lanús³¹, tem outros rivais dentro da competição. No entanto, o que une todos os clubes ao rememorar o regime militar são os torcedores que foram assassinados ou desapareceram. Dessa forma, o fenômeno individual da memória, que teria somente significado aos

³⁰ No original: “El Espacio Banfileño vivió una jornada histórica, cargada de momento emocionantes que quedarán guardados en la memoria de todos los allí presentes. Es que tras un intenso trabajo, el Club logró restituir los carnets de Siliva Streger, Alberto Pera, Alejandro Hansen, Eduardo Streger, Germán Gavio, José Pablo Ventura, Leonel Saubiette, Mario Pierrepont, Raúl Ceci, Ricardo Chidichimo y Roberto Matthews, quienes fueron víctimas del terrorismo de Estado y eran socios/as de Banfield. Ahora, sus familiares y amigos, recibieron los carnets”. Disponível em: <https://clubabanfield.org/inicio/banfield-restituyo-la-condicion-de-socias-a-aquellas-personas-que-revisten-la-condicion-de-detenidas-desaparecidas-o-victimas-del-terrorismo-de-estado/> Acesso em: 10 de outubro de 2020

³¹ Com sede na cidade que leva o mesmo nome, Lanús e Banfield protagonizam o Clásico del Sur, pela proximidade das cidades de Lanús e Lomas de Zamora, no sul da grande Buenos Aires

torcedores do Taladro³², passa a ter um contexto coletivo, unindo até mesmo clubes e adeptos rivais.

A priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, da própria pessoa. Mas, Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes (POLLAK, 1992, p.201)

Ou seja, em comum, todos possuem uma memória herdada que, por meio da socialização política e histórica, faz os indivíduos possuírem uma identificação com o passado. Dessa forma, mesmo inicialmente sendo algo individual e único, a princípio sem muita semelhança com o outro, acaba tendo uma conexão tão forte com o passado, nesse caso com a ditadura na Argentina, que há uma memória que une todos, quase que herdada.

³² Apelido que o Banfield é conhecido

5 – Considerações finais

A Copa do Mundo de 1978 ainda é um evento que traz bastante incógnita sobre o seu resultado. Há muita discussão e controvérsia sobre a vitória esportiva da Argentina, principalmente sobre a goleada sobre o Peru que a levou à final. Até hoje, é contestada a legitimidade da vitória argentina na competição. Pelo lado dos atores (jogadores e comissão técnica), a vitória tenta ser completamente dissociada do regime.

Do ponto de vista político, a discussão gira em torno da realização de um evento em um país que vivia um regime opressor sob uma cortina que encobria a barbárie, a repressão e a morte. Como um torneio que celebra a vida, a paixão e a conexão entre os povos pode ser realizado em um local que se tira vidas?

A partir do que foi abordado neste trabalho, fica claro que esporte e política sempre andaram lado a lado. Além disso, deve-se tomar como conclusão que o futebol não pode ser somente visto como uma ferramenta de lazer ou algo lúdico. O esporte bretão conforme apresentado, tem a capacidade de servir de instrumento político, capaz de assumir proporções gigantescas dentro de um país, como construtor de uma identidade nacional. O trabalho apresentou os projetos da Argentina de Videla, mas a Itália de Mussolini, a Alemanha de Hitler, o Brasil de Médici, os Estados Unidos e a União Soviética na Guerra Fria também são exemplos da história moderna que retratam a importância do esporte na construção das ideologias políticas dos governos.

E a comunicação está intimamente ligada aos dois processos. Foi por ela que o COBA realizou as denúncias vindas da Europa. Mas, também foi por ela que o regime militar argentino tinha como trunfo para vender uma imagem deturpada da realidade vivida. O trabalho apresentou o exemplo do La Nación, um dos principais veículos de informação do país sul-americano, que afirmava que a pátria deveria se sobrepor às denúncias internacionais. A imprensa tem papel fundamental na condenação de posturas repressoras dos governos e da tentativa de usar o esporte, que é uma ferramenta de inclusão democrática, como ferramenta política repressora.

Por outro lado, o trabalho tem o intuito de valorizar a construção da memória como um valor fundamental para a sociedade. É por meio dela que os cidadãos reconhecem eventos do passado, mesmo não tendo vivido os acontecimentos. Da mesma forma que o governo argentino tentou criar uma identidade nacional por meio da vitória esportiva, a memória coletiva também é capaz de criar essa coesão. Conforme a ditadura é lembrada

todo ano por meio do Dia Nacional da Memória pela Verdade e Justiça, o regime é posto em cheque como algo a não ser repetido e a memória de quem perdeu a vida lembrada.

O futebol é instrumento de crítica, de denúncia. O posicionamento dos clubes e dos jogadores é de suma importância. Eles possuem relevância, seguidores e são capazes de se deparar com o preconceito, a intolerância. A ação nas redes sociais dos principais clubes argentinos, bem como a entrada dos atletas titulares em campo com a faixa lembrando a ditadura com os dizeres “nunca mais” ajudam na construção dessa memória coletiva para que regimes opressores sejam lembrados para não serem repetidos. Já o exemplo do Club Atlético Banfield em restituir os torcedores desaparecidos ao quadro de sócios faz memórias individuais se tornarem comunitárias e atingir até rivais, esportivamente falando.

6 - Referências bibliográficas

AGUIAR, Bruno Santos. **Alegria do povo: como as vitórias de Brasil (na Copa do Mundo de 1970) e da Argentina (na Copa do Mundo de 1978), serviram de suporte ideológico aos regimes militares.** Centro Universitário de Brasília (UniCEUB), Brasília, 2009.

ALENCAR, Mauro. **Memória coletiva e memória histórica (e suas relações com o futebol e a telenovela).** Revista latino americana deficiencias de la comunicación. São Paulo, v. 2, 2011.

CAPELATO, Maria Helena. **Memória da Ditadura Militar Argentina: Um desafio para a história.** In: Clio – Revista de Pesquisa Histórica. Pernambuco, 2006

CASTRO, Lúcio. **Memórias do Chumbo: o futebol nos tempos do Condor (Argentina),** TV ESPN, 2013.

Documentário do Observatório de Imprensa sobre a copa do mundo na Argentina. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br>. Acesso em: 24 de maio de 2020.

COGGIOLA, Osvaldo. **Governos militares na América Latina.** São Paulo: Contexto, 2001

DA CRUZ, Leandro Cardoso. **Nacionalismo e Futebol: O uso político da Copa pela Ditadura na Argentina (1976-1978).** Curitiba, 2015.

DA SILVA, Francisco Carlos Teixeira; DOS SANTOS, Ricardo Pinto. **Memória social dos esportes vol. 2: Futebol e Política – A construção de uma identidade nacional.** Rio de Janeiro, 2006

DANTAS, José Guibson. **Espetáculo para além das quatro linhas: as interfaces entre, futebol, autoritarismo e propaganda nas Copas do Mundo de 34 e 78.** In: Comunicação e Esporte: Copa do Mundo de 2014. JÚNIOR, A. J. R (Org.). São Paulo: Intercom, 2014

DIAS, Gustavo Monteiro. **Política e Futebol: A Copa do Mundo de 1978 na Argentina.** Brasília, 2015

DORNELLES, Roberto Anderson. **Acontecimento e história nas páginas da Revista Veja: Uma análise das reportagens sobre o primeiro governo da ditadura civil-militar argentina (1976-1981).** Porto Alegre, 2012

FRANCO, M. **Derechos humanos, política y fútbol.** In: **Entrepasados**, Buenos Aires, v. 15, n. 28, p. 27-46, 2005

JÚNIOR, Ary José Rocco. **Comunicação e Esporte: Copa do Mundo de 2014**, São Paulo, Intercom, 2014

MAGALHÃES, Livia Gonçalves. **A memória da ditadura através do futebol: Brasil, Argentina e as Copas do Mundo.** In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA: MEMÓRIA, TRAUMA E REPARAÇÃO, 1, 2012, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro, 2012

_____. **Com a taça nas mãos: sociedade, Copa do Mundo e ditadura no Brasil e na Argentina.** 2013. 239 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013

MENEZES, Ulpiano Bezerra de. **A história cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais.** Revista Instituto de Estudos Brasileiros. São Paulo, 1992

MOTTA, Márcia M. Menendes. **“História e Memórias.”** In: MATTOS, Marcelo Badaró (org.) História: pensar e fazer. Rio de Janeiro: Laboratório Dimensões da História – UFF, 1998.

NOVARO, Marcos; PALERMO, Vicente. **A Ditadura Militar Argentina 1976-1983: Do Golpe de Estado à Restauração Democrática**. São Paulo: Edusp, 2007

PADRÓS, Enrique Serra. **A ditadura cívico-militar no Uruguai (1973-1984) terror e Estado e Segurança Nacional**. In: WASSERMAN, Claudia; GUAZZELLI, Cesar A.B. (Orgs.). *Ditaduras militares na América Latina*. Porto Alegre: UFRGS, 2004

PANTOJA, Augusto Sarmiento; **O futebol e as ditaduras nos tempos do Condor**. Minas Gerais: FuLiA/UFMG, 2018

POLLAK, M. **Memória e identidade social**. *Estudos Históricos*, v. 5, n. 10, 1992.

ROMERO, Luis Alberto. **História contemporânea da Argentina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006

STEMME, Fritz. **A Psicologia social do futebol**. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, vol. 33, nº 1-2, 1998

WITTER, J. S. **Futebol: um fenômeno universal**. In: *Revista USP*, São Paulo, n.58, p. 161-168, junho/agosto 2003